



## O CUSTO SOCIAL DO CONSUMO DAS IMAGENS MEDIÁTICAS EM HANS BELTING<sup>1</sup>

Sueli Ferreira Schiavo<sup>2</sup>

### Resumo

Hans Belting um estudioso sobre as imagens faz uma relação entre mídia e corpo, diferencia imagem artística de mediática quanto à produção de sentido, a interação com o ambiente histórico, cultural, econômico e social em que se situam e os diferentes usos do poder de influenciar. Este texto analisa o custo social do consumo das imagens pelos meios eletrônicos pela visão teórica desse autor, com o objetivo de obter um referencial que ajude na compreensão do fenômeno atual que incentiva exposição precoce de crianças aos aparatos tecnológicos e as decorrências disso para as mediações de pais e responsáveis, tema inserido no projeto de pesquisa desta autora. São utilizados textos traduzidos de Belting em uma revisão bibliográfica e documental.

**Palavras-chave:** imagem, corpo, mídia eletrônica, influência, consumo.

### Introdução

Este texto faz uma revisão bibliográfica e documental dos textos traduzidos da obra de Hans Belting até a atualidade. Tem o objetivo de fazer um recorte sobre a questão do consumo das imagens por meio dos *media*, considerando a perspectiva teórica desse estudioso que tem enfoque crítico. Belting analisa a importância do papel das imagens internas e externas pela influência que exercem e que tem sido expresso pelas atuações simbólicas em seu contexto histórico, social, econômico e cultural.

No projeto de pesquisa desta autora, estuda-se a exposição cada vez mais precoce de crianças aos meios eletrônicos, buscando-se considerar a importância da mediação dos pais e responsáveis diante da influência que exercem as imagens nas crianças. Neste estudo investiga-se o que na visão de Belting é relevante nessa temática. Em sua obra, Belting analisa a imagem sobre diferentes aspectos: o que representa para o ser humano, a relação com o corpo e a mídia, a importância na produção de sentido e subjetividade, como se destaca

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado à Sessão Temática 2. Imagem, Imaginação e Imaginário do V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura, realizado nos dias 11, 12 e 13 de novembro de 2015.

<sup>2</sup> Psicóloga CRP 06/4327, mestre e doutoranda em Comunicação, Universidade Paulista – UNIP - grupo de pesquisa – Mídia e Estudos do Imaginário – e-mail de contato: suelischiavo@gmail.com.

# V COMcult

## o que custa o virtual?

ao longo dos tempos. No Brasil, o trabalho de Belting tem sido divulgado e referenciado por diferentes pesquisadores e principalmente nos textos de Norval Baitello Jr. e Malena Segura Contrera.

No caso da imagem fotográfica do rosto humano, por exemplo, ao se olhar para a própria fotografia, o rosto que está ali, caracteriza Belting (2015) que, “não é nem eu mesmo nem tão pouco outra coisa ou outra pessoa [...] nosso rosto só existe com a nossa presença [...] isso distingue a presença e a representação”.<sup>3</sup> Para esse autor, a imagem faz uma representação daquilo que não está presente e tem sua presença reconstituída pela imagem, mas aponta que há limites e distinções pela dinâmica da existência humana. Belting (2012) também discute que há uma autonomia das imagens, como se tivessem *vida própria* adaptam-se a diferentes suportes.

No livro *Imagem e Culto*, Belting (2009, p. 84) questiona, "por quê imagens? [...] a quem serviam e para quê?". O prestígio que a imagem tem no aspecto histórico religioso, considera Belting (2009, p. 84) que há, "imagens milagrosas [...] que adquiriam poderes milagrosos [...] imagens que se comportam exatamente igual às relíquias". Nesse sentido, esse autor faz a distinção da condição de acesso à imagem que está em um espaço público e a que está em ambiente privado, refere Belting (2009, p. 470), “a fama que havia adquirido uma imagem graças a um determinado acontecimento histórico ou a um milagre relacionado com sua história”. Mas, entende esse autor que seria,

Um erro considerar as imagens - como mais tarde defenderam os teólogos na queixa iconoclasta - simplesmente como objetos de contemplação religiosa, dado que sempre se empregaram para fins muito tangíveis [...] a sociedade (de uma cidade, do Império) e simbolizar sua comunidade ideal (BELTING, 2009, p. 65).

Belting vai esclarecendo que há um poder de exercer influência que têm as imagens, por historicamente fazerem sentido para o ser humano, por se relacionarem com vivências e memórias individuais e coletiva. Ao falar de imagem esse autor está se referindo tanto à imagem que está no ambiente externo quanto à imagem que é representada mentalmente.

Em termos antropológicos eu contestaria qualquer dualismo rígido, que tão freqüentemente separa a representação interna da externa – utilizando-nos aqui da terminologia atual em pesquisa neurobiológica – e que, portanto, as designa para duas áreas inteiramente distintas. Certamente nosso cérebro é local de representação interna, mesmo no processo que simplificamos ao chamar simplesmente de percepção (BELTING, 2006, p. 73).

<sup>3</sup> Citação de palestra gravada de Hans Belting (2015) disponível no Youtube.

# V COMcult

## o que custa o virtual?

A complexidade do corpo é referendada nos estudos de Belting. As imagens internas dizem respeito ao processo perceptivo dos seres humanos, as imagens externas são as que estão fisicamente na natureza, pelos meios impressos, eletrônicos, etc. Explica Belting (2012, p. 73) que, “as imagens não existem só na parede (ou na tevê) nem somente em nossas cabeças. Elas não podem ser desembaraçadas de um exercício contínuo de interação”. Entende esse autor que a imagem acontece ao ser humano, porque lhe chamou a atenção, porque a imagem lhe faz algum sentido e por esse motivo é que foi percebida. Considera Belting (2005) citando Bernard Stiegler, que “nunca houve imagens físicas [images objet] sem a participação de imagens mentais' [...] A interação entre nossos corpos e as imagens externas, de qualquer modo, inclui um terceiro parâmetro, que chamo “medium”, no sentido de vetor, agente” (BELTING, 2005, p. 73). Para compreensão por exemplo, no momento em que se coloca tatuagem no corpo, ou usam-se máscaras que podem ser elaboradas de diversos materiais ou pintadas sobre a pele, o corpo opera como um *medium*, um suporte, um meio físico para as imagens.

Eu gostaria de introduzir duas premissas que podem esclarecer meu argumento. Primeiro, poderia ser dito que não falo de imagens como media, como normalmente fazemos, ao contrário, gostaria de argumentar que as imagens usam suas própria media, a fim de transmitir-nos suas mensagens e tornar-se, em primeiro lugar, visíveis para nós. As imagens até mesmo migram entre media diferentes ou combinam as características distintivas de vários media. E há a segunda premissa: nomeadamente, a assunção de que mesmo nosso corpo opera por sua conta como um medium vivo. É com essa capacidade inata (a do corpo que representa) que ficamos em posição de fazer uso dos media fabricados e facilmente distingui-los das imagens inerentes; no sentido de que não assumimos tais media como simples objetos, nem como corpos reais (BELTING, 2005, p. 73-74).

Belting (2005) analisa a distinção do que está fisicamente disponível, visível e perceptível no ambiente externo, em relação às imagens transmitidas pelos meios eletrônicos. É interessante como esse autor considera a diferença da atenção que é dada ao usuário, destinatário final das imagens dos meios eletrônicos. Para Belting há muita atenção dos responsáveis na produção e distribuição das imagens, cuidam para que o entendimento das pessoas sobre o que está sendo apresentado seja padronizado. Segundo Belting, na produção de imagens nas obras de arte não há essa preocupação. A imagem na obra de arte está voltada para expor o pensamento cultural de quem a criou, isso está relacionado ao *querer artístico*. A leitura de mundo que o artista faz permite à outra pessoa que vai contemplar a obra que faça a

# V COMcult

## o que custa o virtual?

sua interpretação própria, que pode ser diferente da que fariam outras pessoas.

A arte está ligada de modo renitente a um artista que se expressa pessoalmente nela e a um observador que se deixa impressionar pessoalmente por ela. Assim, ela é secretamente rival da técnica, cujo sentido precípua consiste em que ela funciona ao ser usada e cujas informações contudo dizem respeito não a um criador, mas a um usuário. Por isso, desde o início reside na técnica uma indiferença diante de qualquer *imagem humana* ou *imagem de mundo*, tal como sempre se refletiram na arte. A técnica, dito de modo extremo, não interpreta o mundo que encontra à sua frente, mas produz um *mundo técnico* que hoje, sobretudo nas *mídias*, é muito conseqüentemente um *mundo da aparência*, no qual qualquer realidade corporal e espacial é suprimida. Ela dramatiza desse modo a crise da individualidade que irrompeu na modernidade desde o esgotamento da cultura burguesa (BELTING, 2012, p. 28-29).

Para Belting (2012) a técnica dos meios eletrônicos pressupõe uma elaboração que tem a função de tornar homogêneo de modo a ser entendido pelo usuário. Quando Belting diferencia a produção artística em relação à produção mediática isso se reflete em um direcionamento para uma cultura de massa dentro da Modernidade, com o autor fazendo uma crítica ao *mundo das aparências* e superficialidades. Conforme o texto, na obra de arte o artista não se importa com diferentes compreensões culturais, porque o artista está transmitindo a sua visão pessoal de mundo. Enquanto que a produção mediática tem total preocupação em que uma determinada visão de mundo que foi definida pelos seus produtores seja compreendida pelo expectador e que seja captada adequadamente pelos diferentes públicos a que se destina. Esse entendimento leva Belting (2012) compreender que a arte teve um período histórico e que ela se transformou na atualidade.

Segundo Belting (2012), quando o trabalho com as imagens é elaborado pelo artista uma vivência cultural vai se refletir nessa imagem que irá demandar diferentes interpretações e reflexões e isso representa um aspecto cultural e criativo. Nos tempos atuais, conforme Belting (2012), as imagens são produzidas para os meios eletrônicos para ocuparem-se de promover um direcionamento, o mais homogêneo possível para o destinatário, usuário dos *media*, o que implica em um poder de disseminação da informação, captação da atenção sobre o que está sendo informado. Para Belting, isso já existia nos tempos antigos em relação à religião e veio a ganhar uma ampliação nos tempos atuais com os meios eletrônicos. Isso implica em uma redução da capacidade contemplativa das pessoas refletirem sobre as imagens devido à profusão em que são apresentadas, o que conforme entende esse autor promove uma limitação da capacidade de produzir imagens internas. Belting entende que condições histórico-sociais, culturais e econômicas contribuíram para essa restrição.

# VCOMcult

## o que custa o virtual?

A imagem do homem, por motivos óbvios, tornou-se o grande tema do pós-guerra. A barbárie da guerra e do delírio racial deixara atrás de si um profundo trauma e despertara a necessidade urgente de reconquistar, "após Auschwitz" a imagem perdida do homem numa grande confissão. [...] Porém a certidão de nascimento da era do pós-guerra, na qual a modernidade começava, não é percebida na Europa e sim nos Estados Unidos. Naquele tempo estava ali amplamente disseminada a consciência de que se batizava uma modernidade própria, norte-americana, e se buscava antes de tudo tomar distância do cenário europeu, no qual seu primeiro ato havia se desenrolado sob circunstâncias dramáticas (BELTING, 2012, p. 78-87).

Belting é um historiador alemão sensível sobre os resultados para a vida humana das Guerras Mundiais. Esse autor discute em seu livro *O fim da obra de arte*, as influências sobre a imagem e a arte na cultura ocidental no pós-guerra, principalmente pelas diferentes posturas adotadas na Europa e nos Estados Unidos. Belting (2012) compreende que o desenvolvimento da tecnologia e o processamento da informação impulsionou a mudança histórica dentro do período da Modernidade demandando uma teoria sobre a imagem.

A importância do desenvolvimento tecnológico é relevante na percepção de Belting (2006), porque entende que a capacidade humana de perceber a diferença entre a imagem e o meio pelo qual ela é visualizada é um fator crítico que pode inclusive não ser considerada pelas pessoas.

As imagens sempre foram confiadas a uma dada técnica para sua visualização. Quando distinguimos uma tela (*canvas*) de uma imagem, prestamos atenção a uma ou a outra como se fossem distintas, o que, na verdade, é falso; elas se separam somente quando desejamos separá-las em nosso olhar (BELTING, 2006).

Belting (2006) alerta que as imagens ao reconstituírem a presença daquilo que não está presente, fascina o olhar humano pela vida que aquela representação ganha. Essa compreensão de Belting sobre a pessoa poder confundir imagem com seu suporte e que isso está relacionado com características da atenção humana é importante. Segundo Belting (2012, p. 11), "as imagens técnicas instituem uma nova confusão", é possível para esse autor que possa haver uma dissimulação da realidade promovida pela mídia, entendida como meio e suporte para as imagens, e alerta que,

Elas tendem tanto a se dissimularem quanto a reivindicar a primeira voz. Quanto mais prestamos atenção a uma mídia menos ela pode esconder suas estratégias. Quanto menos prestamos atenção a uma mídia visual, tanto mais nos concentramos na imagem, como se as imagens surgissem por conta própria. Quando a mídia visual torna-se auto-referencial, ela se volta contra suas imagens e nos desvia a atenção (BELTING, 2006).

Belting (2005; 2006) considera que se trata de uma questão neurobiológica, no

# V COMcult

## o que custa o virtual?

processo interno de representação pelas imagens, o fato dos seres humanos poderem promover uma junção entre a imagem e o meio visual pelo qual ela é transmitida. “Mas se a imagem digital gera uma imagem mental correspondente, em seguida, continuar o diálogo com um espectador altamente treinado. A imagem sintética convida-nos a uma síntese diferente que realizou a mídia da imagem analógica” (BELTING, 2007, p. 16). Redução da capacidade de refletir sobre as imagens produzidas, direcionando para uma atenção específica, é uma crítica social que esse autor reforça. Como em um *treinamento* do usuário, um processo de condicionamento, diferente do desenvolvimento de uma capacitação reflexiva que promove o pensamento e a interação criativa.

Belting (2005) acredita que é por um processo de acumulação e armazenamento interno das imagens, pela memória, que o ser humano faz o reconhecimento do sentido da imagem externa, e que também criamos novos sentidos na contemplação que fazemos da imagem. Para esse autor, é dinâmico o fato das imagens estarem tanto no meio físico em um suporte quanto no meio mental sendo capturadas pela atenção no mesmo momento em que são percebidas.

Em seu próprio nome, as imagens com sucesso atestam a ausência do que elas fazem presente. Graças a seus media, elas já possuem a presença daquilo de que elas precisam para representar. Portanto o enigma das imagens – ser ou significar a presença de uma ausência – resulta, pelo menos em parte, de nossa capacidade de distinguir imagem de medium (BELTING, 2005, p. 76).

Para compreender essa questão que envolve a experiência com as imagens, Belting (2006) esclarece que no idioma alemão há uma diferenciação entre a memória da imagem que temos mentalmente, de como internamente ela se manifesta, por exemplo no sonho, e a memória produzida na atividade humana de lembrar por imagens.

Algumas línguas, como o Alemão, distinguem um termo para memória como um arquivo de imagens (*Gedächtnis*) e um termo para memória como uma *atividade*, como é o caso da nossa lembrança de imagens (*Erinnerung*). Esta distinção significa que ao mesmo tempo possuímos e produzimos imagens. Em cada caso, corpos (isto é, o cérebro) servem como uma mídia viva que nos faz perceber, projetar ou lembrar de imagens, o que também permite a nossa imaginação censurá-las ou transformá-las (BELTING, 2006).

Belting (2006) reforça que não é apenas a imagem com presença nos meios visuais que se irá promover uma mediação. Segundo considera, “a linguagem permite uma imageria verbal quando transformamos palavras em imagens mentais próprias. As palavras estimulam nossa imaginação, enquanto a imaginação, por sua vez, transforma as palavras nas imagens

# V COMcult

## o que custa o virtual?

que elas significam” (BELTING, 2006). Esse reforço do entendimento da questão da imagem produzida pela mente humana é relevante porque, segundo Belting (2006) temos imagens que fazem parte de uma memória cultural, histórica e que é coletiva.

Dessa forma entende esse autor que as imagens acontecem ao ser humano, diferentemente de serem apenas percebidas, como um processo mais complexo do que a simples percepção em si. “Imagem e corpo estão ao contrário em uma relação de referência recíproca [...] Estabelece-se entre imagem e o espectador uma isometria que culmina na troca fictícia de olhares” (BELTING, 2007). Como no espelho, olha-se para a imagem refletida que retorna o olhar para quem a vê.

Essa complexidade do processamento humano sobre as imagens transmitidas pelo uso da tecnologia é tão significativo na visão desse autor que ele considera que,

A auto percepção de nosso corpo (a sensação de que vivemos em um corpo) é uma pré-condição indispensável para a invenção das mídias, as quais podem ser chamadas de corpos técnicos ou artificiais desenhados para substituírem corpos através de procedimentos simbólicos. As imagens vivem, como somos levados a crer, nas suas mídias tanto quanto vivemos em nossos corpos (BELTING, 2006).

O corpo para Belting é ao mesmo tempo o que garante ao humano a experiência de ser no mundo, como também é entendido pelo ser humano como uma mídia que possui imagens armazenadas internamente. Esse autor considera que o fato do corpo ser percebido como uma mídia que coleciona imagens mentais que são acionadas por sonhos, por recordações, por pensamentos, por associações com textos falados ou na leitura da escrita, leva a perceber a mídia em aparatos tecnológicos também como um *corpo* onde vivem imagens. Sobre essa questão não foi encontrado registro de distinção pelo autor entre a criança e o adulto, o que demonstra a complexidade do fenômeno já no período da infância.

A importância do corpo na obra de Belting supera a fragmentação entre mente e corpo e considera a integralidade. A percepção toma parte, não é o único processo envolvido na experimentação humana sobre a representação mental das imagens, porque para Belting essa experiência transcende a limitação perceptiva.

Uma imagem é mais do que um produto de percepção. Ela acontece como um resultado de simbolização, individual ou coletiva. Tudo o que acontece no olhar ou contra o interior do olho pode ser entendido como uma imagem, ou transformado em uma imagem” (BELTING, 2007, p. 14).

A integração das diferentes funções cognitivas e as emoções relacionadas com a

# V COMcult

## o que custa o virtual?

experiência em relação às imagens, incluem-se na questão do simbólico, assim como das experiências vividas. Para Belting, o som pode ter uma participação significativa, porque a presença do som modifica a experiência.

O filme sonoro foi à primeira mídia visual a explorar nossa capacidade de ligar som e visão de forma aproximada. Tanto que o acompanhamento musical, já oferecido em filmes mudos por um pianista, modifica também a experiência das imagens no sentido de que elas se tornam diferentes quando uma trilha sonora distinta forma a impressão que se opera em nossos sentimentos (BELTING, 2006).

Essas fundamentações sócio, histórico, culturais, e nas bases biológicas que Belting desenvolve em sua teoria, contribuem para o entendimento da influência que as imagens exercem sobre o ser humano. Estão relacionadas ao culto, à fé, ao hábito, uma forma de ligação. Por outro lado, Belting (2005) analisa que a imagem é tão significativa que ele alerta que a produção e a experiência visual tendem a ser confundidas com a imagem em si, o que não seria o caso, porque a imagem é uma *entidade simbólica*.

De qualquer maneira, deve ser dito que a produção visual e a experiência geralmente tendem a ser confundidas com a imagem em particular. Mas, em minha visão, a imagem deve ser identificada como uma entidade simbólica (portanto, também um item de seleção e memória) e distinta do fluxo permanente em nossos ambientes visuais. [...] Elas se fiam em dois atos simbólicos que envolvem nosso corpo vivo: o ato de fabricação e o de percepção, sendo este último o propósito do anterior (BELTING, 2005, p. 67-69).

Para esse autor, o simbólico das imagens acontece na interação com o corpo que a fita. “As imagens podem ter certos traços distintivos em comum com o rosto, como a mímica ou o olhar. Elas nos reenviam o olhar que portamos sobre elas, e disso os signos são incapazes” (BELTING, 2007). Entende esse autor que há uma *referência recíproca* entre o corpo e a imagem.

Desde os mais remotos tempos, o papel das imagens tem sido expresso pelas atuações simbólicas realizadas em seu favor por parte de seus defensores, ou contra elas, por parte de seus detratores. As imagens se prestam tanto para serem exibidas e veneradas como para serem profanadas e destruídas (BELTING, 2005, p. 4).

### Conclusão

Este texto resultou de um trabalho de pesquisa em diferentes obras de Hans Belting para conhecer um pouco do entendimento desse estudioso que se dedica a compreender o poder de influência das imagens. O estudo esteve relacionado ao projeto de pesquisa da autora sobre a influência das imagens nas crianças expostas precocemente aos aparatos eletrônicos.

# V COMcult

## o que custa o virtual?

Observou-se que esse autor propõe um aprofundamento dos estudos sobre imagem, como uma Teoria da Imagem. Não foi observado que esse autor faça distinção em relação à influência das imagens sobre crianças e adultos, denotando-se a complexidade desse fenômeno sobre a infância.

Belting (2012) compreende que, desde os tempos remotos, o papel das imagens tem sido expresso pelas suas atuações simbólicas dentro do contexto histórico, social, econômico e cultural e das bases biológicas do ser humano. Entende que na obra de arte, o artista não se importa se haverá diferentes compreensões sobre a sua composição artística, a proposta é levar o outro a refletir e criar novas imagens, porque está transmitindo uma visão de mundo que o movimenta nessa produção artístico-cultural. Enquanto que a produção da imagem mediática tem uma total preocupação em ser uniformemente bem compreendida pelo usuário, para passar uma mensagem homogênea e se adequar aos interesses dos diferentes públicos a que se destina. Esse processo de padronização da informação para Belting é como um treinamento, isso representa uma visão crítica desse autor.

Belting (2006) analisa em relação ao complexo biológico dos seres humanos, que o ambiente virtual propicia promover uma confusão entre a imagem e seu respectivo suporte. Reflete esse autor que, em função também do ser humano usar seu próprio corpo como um *medium*, isso tem potencial de entenderem como corpos vivos os meios eletrônicos, pois neles as imagens ganham vida. A imagem promove uma representação de algo que não está presente e é reconstituído. Para Belting há uma interação do corpo com essa imagem fitada. Considerando a possibilidade de não se distinguir a imagem do suporte mediático em que se encontra, isso significa uma junção, uma indiferenciação que pode se caracterizar em situações que levam pessoas à dependência no uso de aparatos tecnológicos. Alerta Belting que os *media* reivindicam para si a primeira voz.

Considerando-se os dados levantados neste estudo, algumas observações se apresentaram como contribuição da obra traduzida desse autor que implica na análise sobre o uso massivo de imagens nos meios eletrônicos. Em primeiro lugar, uma diferenciação conceitual sobre as imagens internas em relação ao seu poder evocatório de memórias e vivências, e a condição de produção de imagens internas pelo seu caráter reflexivo, criativo e de aspecto cultural. Decorre que no caso de crianças, a profusão com que as imagens são movimentadas nos aparatos tecnológicos limita a condição reflexiva, e direciona a atenção,

# V COMcult

---

## o que custa o virtual?

isso incide sobre o desenvolvimento. Por outro lado, conforme Belting alerta, a intencionalidade que tem o poder de influenciar promove uma restrição e uma limitação, precisa ser observada pois está atendendo a interesses muito específicos, principalmente o apelo econômico. Conforme foi observado a combinação de imagem, texto e som no audiovisual produz experiências significativas, que no caso de crianças pequenas caracteriza a importância de recomendar a mediação pelo adulto que a acompanha para relativizar possíveis distorções do entendimento.

### Referências

BELTING, Hans. **Hans Belting: rostro y máscara en el espejo de la Historia**. Circulo de Bellas Artes. Documento audiovisual no Youtube publicado em 25 mai 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UK2j0vdC0T8>>. Acesso em 03.08.2015.

\_\_\_\_\_. **O fim da história da arte**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

\_\_\_\_\_. **Antropología de la imagen**. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.

\_\_\_\_\_. **Imagens ou signos?** A semiótica moderna. Capítulo do Livro: *La vraie image*. Paris: Gallimard, 2007. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/biblioteca/viewdownload/11-belting-hans/81-imagens-ou-signos-a-semiotica-moderna.html>>. Acesso em 22.07.2015.

\_\_\_\_\_. Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à iconologia. In: **GHREBH** - Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. São Paulo, nº 08, jul/2006.

\_\_\_\_\_. Por uma antropologia da imagem. In: **Concinnitas** - Revista do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. a. 6, v. 1, nº 8, jul/2005.